



CT (FN) Marco Antonio **Nepomuceno** da Costa Filho  
*mancfl@yahoo.com.br*

## Reconhecimento Blindado: um ensaio para o CFN do futuro



CT (FN) Marco Antonio **Nepomuceno** da Costa Filho serve atualmente no Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo, como Encarregado da Escola de Blindados. Oriundo de Escola Naval, cursou o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais do Corpo de Fuzileiros Navais (CAOCFN) e o Curso de Estado-Maior para Oficiais Intermediários (C-EMOI), já tendo servido no Batalhão de Blindados de Fuzileiros Navais, em diversas funções, e no 9º Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais - Haiti, como Comandante de Pelotão de Infantaria. É também cursado no *Maneuver Captains Career Course (US Army)*.

### Introdução

Nos últimos anos, o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) tem intensificado o estudo da utilização de frações voltadas para a realização de atividades atinentes ao reconhecimento empregando blindados. A chegada das Viaturas Blindadas Especiais Sobre Rodas 8x8 PIRANHA IIC ao Batalhão de Blindados de Fuzileiros Navais aguçou uma antiga discussão sobre a possibilidade de se contar com elementos blindados vocacionados para a tarefa de reconhecimento em apoio aos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav). Desde a participação em alguns exercícios da FFE de um Pelotão de Reconhecimento Blindado (PelReconBld), passando pela utilização dos Destacamentos de Segurança e Reconhecimento (DSR) nos jogos de guerra no CIASC, até a realização de “Momentos Doutrinários” abordando o emprego dos DSR, o tema tem sido foco de interesse para o CFN que se vislumbra para o futuro próximo.

O Reconhecimento Blindado é realizado por forças de outros países desde a primeira metade do século passado. Porém, da mesma forma que alguns países possuem doutrina desenvolvida no tema, há ainda várias incertezas, como, por exemplo, o modelo ideal de viatura blindada para esta atividade. Conforme exposto no artigo “Reconhecimento Blindado: uma visão da doutrina americana” da edição nº44 da revista *Âncoras e Fuzis* (2013), o assunto possui muitas perguntas sem respostas. Contudo, não há dúvidas quanto à utilidade deste tipo de fração como multiplicadora da capacidade de uma força no terreno, que obtém Elementos Essenciais de Inteligência mais rapidamente e impede ou dificulta que o inimigo logre tais informações, permitindo que o ciclo OODA das nossas forças ocorra de maneira mais célere que o das forças adversas, favorecendo a guerra de manobra.

Este artigo tem por objetivo trazer à pauta esse tema pouco explorado, confrontando nossa doutrina com a do Exército Brasileiro e de forças de outros países, de modo a aproveitar alguns conhecimentos já desenvolvidos em prol da atividade fim.

### O Pelotão de Reconhecimento Blindado em teste no CFN

Era o ano de 2009. Passados dois anos da chegada das primeiras unidades das VtrBldEspSR 8x8 PIRANHA IIC ao CFN, a experiência inicial do emprego destes novos meios em apoio ao GptOpFuzNav HAITI já havia provado o quanto blindados modernos ampliam a capacidade de nossas forças quando incumbidas de realizar operações em ambiente urbano. A exitosa prova de fogo dos novos veículos nas manifestações de 08 de abril de 2008, em Porto Príncipe, corroborou a certeza de que as suas características, além de contribuir significativamente para a dissuasão, atendiam plenamente os requisitos impostos pelo caso específico ali vivido, o que, em última instância, demonstrava a tão importante flexibilidade que o emprego de Grupamentos Operativos proporciona. Com a chegada das primeiras unidades que permaneceriam sediadas no então Núcleo de Implantação da Companhia de Reconhecimento Blindado (que, posteriormente, tornar-se-ia a Companhia de Viaturas Blindadas Sobre Rodas) do Batalhão de Blindados de Fuzileiros Navais, seria iniciada uma segunda fase, na qual o CFN passaria a testar o emprego das Viaturas PIRANHA nos exercícios do ciclo de adestramento da FFE.

A Operação UANFEX/2009, em Itaoca/ES, foi a primeira da história do CFN em que houve emprego de um Pelotão de Reconhecimento Blindado, composto por duas Viaturas PIRANHA TP. O pelotão foi comandado por um Tenente do BtlBldFuzNav e, além das garnições, possuía tropa orgânica, oriunda do 3º Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais.

Em relação à forma de emprego, o PelReconBld foi enquadrado como peça de manobra diretamente subordinada ao Comandante do Grupamento de Desembarque de Batalhão (GDB). O desembarque ocorreu na segunda vaga de embarcações e, até o término da fase de conquista da cabeça de praia (CP), a peça de manobra recebeu tarefas de reconhecimento de eixos ou áreas específicas, prioritariamente buscando confirmar a presença inimiga, por vezes

com direcionamento do escalão superior para determinados locais ou regiões. Desta forma, durante a fase ofensiva da OpAnf, a técnica majoritariamente utilizada foi a de “ReconPush”<sup>1</sup> com foco no inimigo, uma vez que foi, em boa parte das vezes, direcionado o esforço do reconhecimento para a confirmação das informações disponíveis acerca da força adversa, de modo a serem feitos pequenos ajustes no conceito da operação.

Figura 1: Viaturas Piranha com tropa adjudicada do 3ºBtlInfFuzNav, Operação UANFEX/2009



Fonte: o autor (2009)

Durante a fase de defesa da CP, o PelReconBld recebeu a tarefa de estabelecer Posto Avançado de Combate (PAC), quando foi percebida, na prática, uma das maiores deficiências das Viaturas Blindadas sobre Rodas: a dificuldade em ocupar elevações em terrenos compartimentados. A forma encontrada para mitigar o problema foi posicionar infantaria desembarcada no terço superior da contra encosta das elevações. Contudo, a medida gerou outro óbice: a necessidade de aguardar a infantaria descer a pé das elevações para reembarcar nas Viaturas PIRANHA retardou a saída do pelotão da região, o que, em uma situação real, poderia comprometer decisivamente o retraimento (ou desengajamento) da fração, que dotada apenas da MtrBrowning 12.7mm não teria poder de fogo suficiente para se contrapor a um Pelotão de Carros de Combate (PelCC) na vanguarda do inimigo. Adicionalmente, a canalização das viaturas para estradas e trilhas dificultou a execução de manobras evasivas, o que facilitaria a tarefa de elementos de infantaria inimigos com armamentos anticarro (AC).

Em outro momento, o PelReconBld recebeu em apoio direto uma Seção dos CC SK-105 A2S para estabelecer a defesa da CP em uma das suas estradas penetrantes. A medida demonstrou-se eficaz no sentido de que o Carro de Combate conferiu o poder de fogo que faltava às Viaturas Blindadas. Porém, a defesa realizada foi apenas estática e com pouca profundidade, uma vez que havia dificuldades para posicionar as Viaturas Blindadas nas elevações, que possuíam elevada inclinação. Em parte delas seria possível posicionar os SK-105 e elementos desembarcados, porém haveria problemas semelhantes em relação ao desengajamento das frações, caso fosse

<sup>1</sup>“ReconPush” - O Comandante “empurra” seus elementos de reconhecimento para a frente, conforme a necessidade, para aumentar sua visualização em regiões de interesse específicas, para confirmar ou negar os dados em que o Conceito da Operação se baseia. A informação obtida durante o reconhecimento é utilizada para finalizar o plano do Batalhão (FM 3-21.20, Capítulo 3).

necessário. O exercício foi encerrado sem haver o teste de uma defesa móvel empregando os dois blindados em questão.

Figura 2: PelReconBld com Seção de CC em apoio direto, Operação UANFEX/2009



Fonte: o autor (2009)

No mês seguinte, em Formosa-GO, foi realizado um segundo teste de emprego de um Pelotão de Reconhecimento Blindado, composto novamente por duas Viaturas PIRANHA TP. O pelotão novamente possuía tropa orgânica, oriunda mais uma vez do Batalhão Paissandu, que realizou adestramentos no BtlBldFuzNav durante as três semanas anteriores ao exercício. Além disso, observadores avançados de artilharia e aviação ficaram subordinados ao pelotão.

Desta vez, em relação à forma de emprego, o PelReconBld foi considerado como peça de manobra, porém ficou sempre em apoio direto à Companhia de Fuzileiros Navais (CiaFuzNav) que compunha a Vanguarda do GDB. Não havendo o desembarque real na praia, a peça de manobra progrediu com dispersão de cerca de um quilômetro à frente da coluna, reportando a presença inimiga sempre que detectada e, dependendo do caso, conduzindo fogos indiretos ou de aviação e, até mesmo, realizando ataques. Desta forma, durante a operação, a técnica utilizada foi a de “ReconPull”<sup>2</sup>, uma vez que as informações em relação ao inimigo eram poucas e o PelReconBld seguiu à frente do restante das CiaFuzNav, realizando o reconhecimento ao longo de todo o eixo por onde prosseguiria o corpo principal, para detectar forças adversas ou restrições de passagem no terreno, sem áreas específicas para serem o foco do esforço do reconhecimento.

O emprego do PelReconBld mostrou-se novamente útil para ampliar as capacidades de um GptOpFuzNav, uma vez que permitiu a execução do reconhecimento aproximado com maior mobilidade e blindagem do que somente a infantaria a pé ou dotada de veículos militares comuns. A presença dos Observadores Avançados permitiu ao Pelotão, por vezes, reduzir previamente resistências inimigas, facilitando a execução de ataques coordenados pelas CiaFuzNav ou, simplesmente, possibilitando a continuidade do avanço da coluna. Contudo, algumas deficiências ficaram claras:

<sup>2</sup>“ReconPull” - É realizado quando a situação do inimigo é pouco conhecida ou está rapidamente mudando. O Comandante utiliza seus meios de reconhecimento para confirmar ou negar Elementos Essenciais de Inteligência antes de decidir por uma Linha de Ação ou opção de manobra; posteriormente, “puxa” o Batalhão para os locais decisivos no campo de batalha (FM 3-21.20, Capítulo 3).

os CC SK-105 A2S mantiveram-se prestando apoio aproximado à Companhia que estava na vanguarda, mantendo as Viaturas PIRANHA isoladas à frente, o que inviabilizou a capacidade de contrarreconhecimento do PelReconBld e o obrigou a retrair por diversas vezes para não ser engajado decisivamente, sem realizar o reconhecimento de maneira completa. Quando houve a necessidade de reconhecimento de engenharia, a tropa executava altos nas poucas posições que provinham cobertas de maneira limitada para aguardar que elementos pioneiros cerrassem à frente, o que demandava muito tempo. Tal deficiência pode ser amplamente explorada pelo inimigo em uma situação real; e, por último, foi observado no terreno (tanto em Itaoca quanto em Formosa) que a trafegabilidade para as Viaturas PIRANHA é extremamente prejudicada fora de estradas e trilhas, uma vez que atolam com maior frequência e também sofrem com a maior possibilidade de danos à suspensão ou aos eixos das rodas devido ao entrelaçamento ocasional de galhos e troncos, que são problemas não enfrentados por Viaturas Blindadas Sobre Lagartas, mais apropriadas para operações em terrenos daquela natureza.

As operações realizadas em 2009 deixaram algumas importantes lições aprendidas, entre as quais podemos destacar: a) a atividade de Reconhecimento Blindado, se executada corretamente, poderá ampliar as capacidades de um GptOpFuzNav; b) a exemplo do emprego de Fuzileiros Navais em Grupamentos Operativos, a atividade de Reconhecimento Blindado requer flexibilidade para atuar nas mais diversas variações impostas pelos fatores da decisão; c) há pouca possibilidade de executar plenamente o reconhecimento, sem a capacidade de realizar contrarreconhecimento. Assim, em boa parte dos casos, é necessária a presença de veículos dotados de canhão (ou armamentos AC que permitam alto índice de precisão) nas frações voltadas para a tarefa em lide; d) a natureza sobre rodas da Viatura PIRANHA possui limitações importantes para emprego em operações em campo, porém, no interior de localidades, seu desempenho é melhor do que o das Viaturas sobre Lagartas, o que corrobora o conceito aplicado pelo Exército dos Estados Unidos, que enfatiza o emprego de viaturas blindadas sobre rodas em ambiente urbano e meios sobre lagartas em operações através campo; e) as possibilidades e limitações dos veículos sobre rodas e sobre lagartas são distintas. Assim, o emprego combinado dos mesmos torna mais difícil que as possibilidades de cada um sejam potencializadas; e f) capacidades tais como conduzir fogos, realizar reconhecimento de engenharia, saber identificar meios inimigos e possuir conhecimento mais aprofundado sobre topografia e orientação são altamente recomendáveis para a execução da tarefa de um PelReconBld.

Após os dois exercícios supramencionados, o emprego da Viatura PIRANHA teve sua vocação modificada para o transporte blindado de pessoal, a exemplo das VtrBld M-113. Atualmente, não há uma conclusão definitiva sobre meios e organização ideais para a execução das tarefas que permeiam a temática deste artigo. Não obstante, também ainda não há manuais no âmbito da nossa Força que contemplem o assunto de maneira mais profunda. Contudo, nem mesmo as principais nações que tenham se desenvolvido doutrinariamente nesta área possuem conclusões definitivas sobre viaturas e organizações ideais para o Reconhecimento Blindado.

## Força de Cobertura e Destacamento de Segurança e Reconhecimento

Segundo a doutrina vigente no CFN, o BtlInfFuzNav pode ser designado como Força de Cobertura (FCob), sendo responsável por reconhecer toda a faixa do terreno por onde se deslocará o Corpo Principal. A FCob deverá realizar reconhecimentos de eixo e de zona com as peças em primeiro escalão e manter uma reserva forte, de modo a influir em um provável engajamento. Em caso de contato com o inimigo, as ações decorrentes buscarão mantê-lo, de modo a reduzir, deter ou retardar a força adversa e continuar a fornecer informações a respeito do terreno e do inimigo.

O DSR é uma organização de menor vulto e que será formado “quando o escalão superior não prover uma FCob ou quando o CmtBtlInfFuzNav considerar que a segurança por ela proporcionada não é adequada” (CGCFN-3100). Serão utilizados os próprios elementos da infantaria, devidamente reforçados, que farão as mesmas tarefas da FCob, exceto a destruição ou desorganização do inimigo. Está previsto que a distância entre o DSR e a vanguarda não deverá exceder a capacidade de Comando e Controle do Batalhão. Adicionalmente, o manual supramencionado estabelece que o espaçamento mínimo entre a FCob ou DSR e o Corpo Principal será de 5 km, o que não foi seguido nas operações de 2009 e, considerando as dimensões de CP e eventuais necessidades do Corpo Principal apoiar o desengajamento dos elementos de reconhecimento, talvez esta seja uma distância excessiva.

O manual CGCFN-313 (Manual de Blindados de Fuzileiros Navais) prevê o estabelecimento dos DSR inseridos nos Grupamentos Operativos Mecanizados quando for esperada resistência ou contato com inimigo de maior vulto, de modo a inviabilizar o emprego de Equipes de Reconhecimento embarcadas em viaturas leves. O destacamento será nucleado por tropa de infantaria apoiada por CC e VtrBld/CLAnf. As finalidades do emprego dos DSR são: obter conhecimentos sobre o inimigo e o terreno; evitar a surpresa, a observação terrestre e as interferências do inimigo; e selecionar eixos ou conduzir o reconhecimento de estradas pré-selecionadas.

Figura 3: Constituição do DSR do BtlInfFuzNav

Constituição do DSR do BtlInfFuzNav
1 Pelotão de Fuzileiros Navais (PelFuzNav);
1 Seção de Carros de Combate (SeçCC);
1 Seção Anticarro (SeçAC);
1 Seção de Mrt81mm (SeçMrt);
1 Seção de Metralhadoras (SeçMtr);
1 Grupo de Pioneiros (GpPion);
Elementos de Reconhecimento (PelReconVig ou CiaReconTer);
Observadores Avançados (OA) das armas em apoio;
Elementos de Comunicações, como necessário; e
Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (VBTP)

Fonte: CGCFN-3100 (2008)

Comparando-se, o USMC prevê, na organização dos *Tank Battalions* (Batalhões de Carros de Combate): emprego de Pelotões “TOW”, com a tarefa principal de destruir blindados inimigos,

principalmente Carros de Combate; e Pelotões “Scout”, com a tarefa principal de realizar reconhecimentos, além de operações defensivas de vulto limitado e apoio de comando e controle. Ambos são dotados de *Humvees* (viaturas militares leves com blindagem limitada) com metralhadoras automáticas e mísseis TOW. Contudo, segundo observações realizadas durante a Operação “IraqiFreedom”, o poder de fogo e a blindagem das frações supramencionadas foram considerados, muitas vezes, insuficientes para o cumprimento eficaz das suas tarefas.

Figura 4: CAAT Platoon em ação na Operação IraqiFreedom



Fonte: Sítio Marines (<https://www.2ndmardiv.marines.mil>)

*Teams*) podem conduzir missões semelhantes às realizadas pelos pelotões *Scout* citados anteriormente, seguindo na vanguarda e na retaguarda da coluna formada pelo Batalhão ao qual pertencem.

Diante dos resultados observados em combate, muitos Oficiais do USMC acreditam que a organização utilizada pelo Exército dos Estados Unidos, que emprega Carros de Combate e Viaturas Blindadas convencionais, associados aos *Humvees*, para as tarefas inerentes ao Reconhecimento Blindado, possibilitaria maior eficácia na condução das missões atribuídas às frações vocacionadas para a finalidade acima. Tomando esta linha de pensamento como correta, é possível que o ideal para a nossa Força seja a evolução dos conceitos de Força de Cobertura e Destacamento de Segurança e Reconhecimento para uma organização que combine blindados e viaturas leves, que tenha a capacidade de manter-se realizando as tarefas que hoje já são previstas nos nossos manuais, mas que também possua a capacidade de realizar a destruição dos meios de reconhecimento inimigos, ou seja, que execute o contrarreconhecimento de maneira eficaz.

## ○ Pelotão de Exploradores do Exército Brasileiro e sua Especialização

Conforme exposto anteriormente, o ideal para a atividade de Reconhecimento Blindado é potencializar a organização dotada de poder de fogo, mobilidade e blindagem com a capacidade de executar golpes de sonda onde o terreno não comporta o emprego de blindados ou onde a manutenção do sigilo seja indispensável à condução da operação. Atualmente, o Exército Brasileiro já possui, na organização dos Batalhões de Infantaria Blindados, Regimentos de Carros de Combate e Regimentos de Cavalaria Blindados, um Pelotão de Exploradores, com o propósito de dotar as unidades supramencionadas de um meio ágil e eficiente para aumentar a gama de informações que o comandante necessita para decidir, além de proporcionar economia dos meios.

Segundo a doutrina do Exército Brasileiro, o Pelotão de Exploradores destina-se ao cumprimento de missões limitadas de reconhecimento; operações defensivas de pequena envergadura; e outras complementares, como escolta de comboios, ligações, patrulhas e estabelecimento de postos de observação. Ainda, devido à sua constante dependência de suprimentos e ao pequeno poder de seu armamento, as missões descritas são cumpridas, na maioria dos casos, dentro do apoio cerrado de frações designadas pelo comando da Unidade.

O Pelotão de Exploradores possui seis viaturas 4x4 leves, divididas em um Grupo de Comando e dois Grupos de Exploradores (com duas viaturas, transportando quatro militares cada), totalizando 24 militares por pelotão, sendo um Oficial. Cada viatura dispõe de uma metralhadora 7.62mm, AT-4 e rádio veicular. Cada Grupo ainda possui equipamentos de visão noturna, mira *laser*, luneta de fuzil para tiro noturno e detector de minas portátil.

O Exército Brasileiro ministra, no Centro de Instrução de Blindados (CIBId), em Santa Maria-RS, o Estágio Tático de Pelotão de Exploradores, com uma fase não presencial e, posteriormente, uma parte presencial com duração de quatro semanas, voltado para preparar o pessoal para a execução das tarefas inerentes ao Pelotão de Exploradores. Durante o curso, além dos conceitos básicos, os alunos aprendem a realizar reconhecimento de eixos, de zona e de área; a realizar base de fogos; a conduzir fogos; a ocupar posições de retardamento; a balizar locais de passagens em instalações, bosques, cursos d'água, eixos e outros; a realizar segurança de instalações de pequeno vulto; a conduzir patrulhas de reconhecimento e de combate; a vigiar setores de defesa; a realizar escoltas de comboios de pequenas dimensões (até 25 viaturas); a realizar tarefas inerentes a Garantia da Lei e da Ordem; a realizar Controle de Trânsito; a estabelecer Postos de Observação; e a realizar Ligações com outras frações amigas.

## ○ Reconhecimento Blindado no CFN: uma visão de médio prazo

Em médio prazo, é possível dotar nossos Grupamentos Operativos com elementos vocacionados para a atividade de Reconhecimento Blindado, utilizando, em parte, meios já existentes na Força de Fuzileiros da Esquadra (caso o CFN entenda não ser necessária a compra de meios específicos para a tarefa). A exemplo do Exército dos Estados Unidos, poderão ser utilizados blindados convencionais, tais como os Carros de Combate sobre Lagarta que estiverem em uso, associados às Viaturas Blindadas M-113 modernizadas, ou Viaturas Piranha associadas aos Carros de Combate Sobre Rodas. Ainda, a exemplo das brigadas americanas, poderão ser integrados Veículos Aéreos Não-Tripulados (VANT) para complementar a capacidade de observação de um Pelotão de Reconhecimento Blindado.

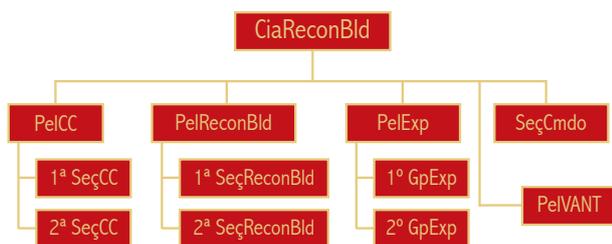
Conforme exposto anteriormente, a criação de um Pelotão de Exploradores de Fuzileiros Navais, dotados de Viaturas 4x4 Leves seria de fundamental importância para potencializar as possibilidades da fração em lide. A organização poderá ser semelhante à existente no Exército Brasileiro. Outra característica extremamente recomendável à Organização será a especialização da tropa vocacionada para a tarefa em questão. As experiências realizadas em

2009 com tropas adjudicadas do Batalhão de Infantaria mostraram que o ideal para este tipo de missão é ter infantaria orgânica, tanto para as viaturas leves quanto para aquela que ficará embarcada nos blindados, com capacidade técnica e adestramento específico para condução de suas missões. Cabe ressaltar que esta mudança na forma de nossa força operar não impedirá que as demais Companhias de Viaturas Blindadas (ou Carros de Combate) sigam atuando como apoio aos Batalhões de Infantaria, caso o CFN entenda que os moldes atuais correspondam ao modelo ideal.

A Companhia de Reconhecimento Blindado poderá ser organizada do seguinte modo: uma Seção de Comando, com uma Viatura Blindada “Comando”; um Pelotão de Exploradores, semelhante ao correspondente no Exército Brasileiro; um Pelotão de Carros de Combate, com duas seções a dois Carros; um Pelotão de Reconhecimento Blindado, com duas seções de quatro viaturas blindadas, dotadas de lançadores de granadas 40mm ou metralhadoras 12.7mm (a primeira é mais apropriada para ações em instalações e construções, e a segunda, mais utilizada para alvos tipo “área”), com tropa orgânica; e um Pelotão VANT, aos moldes do existente no BtlCtAetatDAAe. Em relação ao pessoal, seria desejável que todos os militares da Companhia, incluindo Oficiais, fossem especialistas em Blindados e tivessem concluído um curso ou estágio de Exploradores, pois a tarefa em questão requer tanto conhecimentos relativos ao Reconhecimento Blindado como capacidade técnica para melhor empregar os carros.

Quanto à subordinação, a CiaReconBld pertenceria ao BtlBldFuzNav, que passaria a ser comandado por um Capitão de Mar e Guerra (FN). Naturalmente, seria necessário aumentar a capacidade da Companhia de Comando e Serviços do Batalhão, de modo que esta reúna condições de realizar a manutenção dos meios da nova subunidade. Além disso, seria desejável que a futura 2ª Força de Fuzileiros da Esquadra recebesse esta Companhia em moldes semelhantes aos sugeridos acima.

Figura 5: Organograma da CiaReconBld



Fonte: o autor (2014)

No que tange ao emprego, nas Operações Anfíbias, a CiaReconBld poderá ser uma Peça de Manobra subordinada ao GDBda (Brigada, na fase de Defesa da CP), que poderá empregá-la diretamente ou planejar que a mesma preste apoio à manobra de um ou mais GDB (Batalhões, na fase supracitada). No segundo caso, se houver necessidade de apoiar a manobra de dois GDB, os pelotões teriam de ser fracionados em seções (grupos, no caso do Pelotão de Exploradores), uma vez que possuiriam capacidades e tarefas distintas. No entendimento deste autor, esta seria uma forma possível de emprego (e até desejável ou necessária em determina-

dos cenários), porém, como em outros casos semelhantes envolvendo elementos de apoio ao combate, haveria perda de capacidade de Comando e Controle. Em relação ao apoio de fogo, além do apoio de artilharia e aviação, os GDB poderão colocar frações dotadas de morteiros em apoio direto à CiaReconBld (ou Pelotão, se for o caso) para prestarem apoio cerrado às suas ações.

Em outras modalidades de operações de Fuzileiros Navais, poderiam ser formados Destacamentos de Reconhecimento Blindado, utilizando a configuração que melhor atenda aos requisitos de cada caso. Por exemplo, em missões que o uso de Carros de Combate represente postura demasiadamente agressiva, que não seja desejável para o cumprimento das nossas tarefas ou que não seja permitido pelas normas da missão, poderão atuar somente os demais elementos da CiaReconBld. Tais destacamentos seriam subordinados ao Componente (Grupo) de Combate Terrestre e cumpririam missões em apoio a todo Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais.

## A Especialização do Fuzileiro Naval para o Reconhecimento Blindado

Diante do escopo apresentado, pode-se concluir que o Fuzileiro Naval, especialista nas operações expostas neste artigo, deverá conhecer mais do que hoje é ministrado no Estágio Tático de Pelotão de Exploradores do Exército Brasileiro, devendo o mesmo ser considerado como uma importante base para o desenvolvimento de um curso no âmbito da nossa força, o qual deverá em seu currículo contemplar uma doutrina própria do CFN, que adaptará os conhecimentos já existentes à nossa estrutura e à natureza das Operações realizadas pelos Combatentes Anfíbios. Além disso, com a evolução da tendência das Operações Anfíbias para ações em ambiente urbano, seria recomendável que houvesse expressiva carga horária destinada ao ensino de conhecimentos aprofundados sobre Operações Militares em Ambientes Urbanos. Desta forma, além de todo o conteúdo existente no Estágio do Centro de Instrução de Blindados do Exército Brasileiro, o Fuzileiro Naval deverá possuir as seguintes capacidades:

- Capacidade de realizar reconhecimento básico de Engenharia;
- Capacidade de conduzir Fogo Naval;
- Capacidade de orientar aeronaves;
- Capacidade de executar Reconhecimento Blindado em Operações Anfíbias; e
- Capacidade de atuar em Operações de Evacuação de Não-Combatentes.

## Conclusão

Este artigo teve por objetivo trazer à discussão a possibilidade do emprego de elementos vocacionados para o Reconhecimento Blindado no CFN, mediante a apresentação de uma sugestão de uma futura companhia especializada. Evidentemente, a criação de uma nova subunidade implicaria em diversas providências relacionadas ao estudo dos meios que seriam adquiridos ou realocados para a tarefa em questão; à estruturação logística do BtlBldFuzNav

e do CTecCFN; ao planejamento das instalações que a abrigariam; a questões relacionadas ao aumento das Tabelas de Lotação das OM acima e movimentação de pessoal; e à criação de um novo curso (ou estágio) destinado a formar especialistas nesta área de atuação. Assim sendo, é óbvio que este não é um processo simples e há a necessidade da participação de vários setores do CFN para a execução de um planejamento cuidadoso, a fim de que as melhores soluções sejam encontradas.

Em longo prazo, dependendo da evolução do Corpo de Fuzileiros Navais, a Companhia de Reconhecimento Blindado poderá ser utilizada como matriz para a criação de um Batalhão de Reconhe-

cimento Blindado, que poderia ter em sua organização companhias dotadas de blindados de diferentes naturezas, de modo a poder atuar com capacidades potencializadas tanto em ambiente urbano como em operações através campo. Contudo, este autor entende que esta deverá ser uma discussão reservada ao CFN do futuro: uma força ainda mais moderna e desenvolvida no âmbito pessoal, logístico e organizacional; com flexibilidade e prontidão operativa para atuar eficazmente em quaisquer das suas hipóteses de emprego; e que tenha uma capacidade ainda maior para apoiar o Brasil na consecução dos seus objetivos políticos e estratégicos.

---

## Referências

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **CI 17-1-1: Pelotão de Exploradores**. Brasília, DF, 2002. 124p.

BRASIL. Marinha. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-313: Manual de Blindados de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. **CGCFN-3100: Manual do Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro, 2008.

COSTA FILHO, M.A.N. **Reconhecimento Blindado: uma visão da doutrina americana**. Âncoras e Fuzis, Rio de Janeiro, n. 44, p. 29-35, 2013.

ESCOBAR, M. **CAATs on the Hunt for Fallujah Terrorists**. Disponível em: <<https://www.2ndmardiv.marines.mil/News/NewsArticleDisplay/tabid/2643/Article/40417/caats-on-the-hunt-for-fallujah-terrorists.aspx>>. Acesso em: 23 de jul. 2014.

GOBIN, S.D. **Reorganizing the Tank Battalion TOW and Scout Platoons**. Quantico, Virginia: Expeditionary Warfare School, 2009. 12p.

HOFFMAN, G.F.; STARRY, D.A. **Camp Colt to Desert Storm: The History of U.S. Armored Forces**. Lexington, Kentucky: University Press of Kentucky, 1999. 656p.

SOKOL, B.J. **The Case for Employing The Mobile Assault Company Concept Through The Spectrum of Warfare**. Fort Leavenworth, Kansas: U.S. Army Command and General Staff College, 2008. 153p.

ESTADOS UNIDOS. Department of the Army. **FM 1-02: Operational Terms and Graphics**. Washington, D.C., 2004. 484p.

\_\_\_\_\_. **FM 17-95: Cavalry Operations**. Washington, D.C., 1996. 510p.

\_\_\_\_\_. **FM 3-20.96: Reconnaissance and Cavalry Squadron**. Washington, D.C., 2010. 204p.

\_\_\_\_\_. **FM 3-21.20: The Infantry Battalion**. Washington, D.C., 2006. 599p.

ESTADOS UNIDOS. Marine Corps. **MCRP 5-12D: Organization of Marine Corps Forces**. Washington, D.C., 1998. 188p.

ZONZIN FILHO, P.F. O Emprego de Blindados nas Operações Militares em Ambiente Urbano. **Âncoras e Fuzis**, Rio de Janeiro, n. 44, p. 35-40, 2013.